

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

ADARLENE GONÇALVES FONSECA ALVES

**ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: um relato de experiência de
estágio em psicologia**

**PATOS DE MINAS
2018**

**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

ADARLENE GONÇALVES FONSECA ALVES

**ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: um relato de experiência
de estágio em psicologia**

Relato de experiência apresentada à Faculdade Patos de Minas como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Psicologia para finalidade de obtenção do título de Bacharel, podendo gozar dos direitos de Psicólogo.

Orientadora: Profa. Ma. Karla Priscilla Lemgruber

**PATOS DE MINAS
2018**

FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
Curso Bacharelado em Psicologia

ADARLENE GONÇALVES FONSECA ALVES

**ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: um relato de experiência
de estágio em psicologia**

Banca Examinadora do Curso de Bacharelado em Psicologia, composta em 29 de
novembro de 2018

Orientadora: Profa. Ma. Karla Priscila Lemgruber
Faculdade Patos de Minas

Examinadora 1: Profa. Ma. Aline Fernandes Alves
Faculdade Patos de Minas

Examinadora 2: Profa. Ma. Neusa Esméria da Silva Fonseca
Faculdade Patos de Minas

DEDICO este trabalho as pessoas que se interessam em pesquisar ou em entender como é difícil a realidade dentro de uma instituição de acolhimento para crianças, que este sirva de alguma forma a diminuir as dificuldades vividas pelos internos abrigados.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar, a Deus, por ter me fortalecido ao ponto de superar as dificuldades, por toda saúde que me deu e me permitiu alcançar esta etapa tão importante da minha vida.

Agradeço também aos meus filhos, que sempre me apoiaram e incentivaram nas horas difíceis e ao meu esposo que suportou as minhas ausências pacientemente, minha eterna gratidão.

Aos professores e a faculdade, eu agradeço o empenho e a confiança que ajudaram a tornar possível este sonho tão especial.

À minha orientadora, eu agradeço a dedicação, pois não mediu esforços em estar ao meu lado durante a execução deste relato de experiência.

Aos meus pais que sempre foram para mim exemplo e suporte para todas as minhas conquistas.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte do meu percurso, o meu muito obrigado.

*Aquilo que se faz por amor, parece ir sempre além dos limites do bem e do mal.
É necessário ter o caos aqui dentro para gerar uma estrela.*

Friedrich Nietzsche

ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: um relato de experiência de estágio em psicologia

INSTITUTIONAL SHELTERING: a report of an internship experience in psychology

Adarlene Gonçalves Fonseca Alves¹

Karla Priscilla Lemgruber²

RESUMO

O estágio supervisionado possibilita um encontro entre os conhecimentos produzidos ao longo do curso de graduação com a prática profissional. O presente relato de experiência tem como objetivo apresentar as aprendizagens obtidas durante o Estágio Básico II do 7º período do curso de Psicologia da Faculdade de Patos de Minas, elucidando suas etapas, capacitando e auxiliando o graduando de Psicologia a lidar com a realidade em uma casa de acolhimento institucional de crianças e adolescentes. Foram realizadas observações, entrevistas técnicas e momentos de supervisão que nortearam as atividades realizadas no estágio. Foi percebido que as crianças necessitavam de um momento lúdico que proporcionasse prazer e que também promovesse maior interação social entre elas. Diante de tal percepção foram executadas ações que poderiam auxiliar as crianças a estarem convivendo de forma mais harmoniosa no seu dia a dia enquanto institucionalizados. Acredita-se que o presente relato de experiência possa ser útil para psicólogos em formação e para demais interessados na técnica do brincar enquanto atividade promotora de sociabilidade.

Palavras-chave: Formação do psicólogo. Brincar. Interação infantil.

ABSTRACT

The supervised internship allows a meeting between the knowledge produced during the graduation course and the professional practice. The main purpose of this experience report is to share the knowledge acquired during the Basic Internship II of the 7th period of Psychology course in the Faculdade Patos de Minas, elucidating its stages, enabling and assisting the Psychology student to deal with the reality in a children's and teenager shelter. Observations, technical interviews and moments of supervision guided the activities in the internship. We have noticed that children needed a playful moment that provided pleasure to them, and promoted greater social interaction between them. Consider it all, actions were accomplished to help the children to live in a more harmonious place. It's believed that the present experience

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade Patos de Minas (FPM). adarlene2009@yahoo.com.br

² Mestre em Psicologia Aplicada pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Docente e orientadora do Departamento de Graduação em Psicologia da FPM. karlalemgruber@hotmail.com

report may be useful for training psychologists and for other people interested in the technique of playing as a sociability promoting activity.

Keywords: Psychologist training. Play. Child interaction

1 INTRODUÇÃO

O Estágio Básico II do Curso de Psicologia foi realizado no primeiro semestre de 2017. Tratou-se de uma experiência prática realizada em grupo que contou com uma equipe de 6 (seis) estudantes de Psicologia e uma professora-supervisora. Dessa forma, o presente relato trata-se de uma reflexão posterior feita por uma aluna e pela professora retratando as suas perspectivas e considerações.

As primeiras orientações foram fundamentais, pois estávamos diante do desconhecido, estávamos bastante ansiosas, pois sabíamos que seria um estágio de observação com montagem e execução de um projeto e não tínhamos ainda o conhecimento necessário de como esse projeto seria executado, essas orientações foram essenciais para entender como proceder inicialmente.

Tivemos informações importantes sobre a documentação necessária a ser entregue na instituição, deveríamos informar que seriam agendadas 6 (seis) visitas, com duração de 2 (duas) horas cada e soubemos qual postura adotar em relação à instituição, aos funcionários e as crianças institucionalizadas. Estas instruções foram nosso alicerce para começar a desenvolver e executar o projeto.

O Estágio Básico II foi uma oportunidade de entrar em uma instituição e nela poder vislumbrar e acompanhar de perto a função do psicólogo e quais outras possibilidades de atuação dentro da mesma. Permitiu estar em diferentes contextos sociais, juntamente com outros profissionais, observando de modo sistemático a atuação do psicólogo dentro da casa abrigo escolhida.

O estágio supervisionado desenvolvido ao longo do curso deve preparar o aluno para desenvolver papéis específicos da sua formação. Os estagiários são diretamente orientados por membros do corpo docente da instituição formadora, que procuram assegurar a consolidação e articulação das competências estabelecidas, preparando os alunos para práticas profissionais de complexidade e responsabilidade progressivas com atuação voltada para pessoas, grupos, instituições e situações sociais (Brasil, 2004).

A prática aconteceu em uma instituição de acolhimento de crianças e adolescentes afastados da família de origem por ordem judicial e que aguardam a definição de sua custódia. Seu funcionamento é coordenado por uma equipe multidisciplinar composta por uma psicóloga, uma assistente social, cuidadores, entre outros.

De acordo com a Lei 12.010 de 2009 (Brasil, 2009), o acolhimento institucional é medida provisória e excepcional, utilizável como forma de transição para reintegração familiar ou, não sendo esta possível, para colocação em família substituta, não implicando privação de liberdade.

O acolhimento é feito através de medida judicial, após outros órgãos já terem realizado o acompanhamento para identificar se é realmente necessária a retirada da criança de seu núcleo familiar. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabeleceu a criação de casas - abrigo (Lei 7.644, de 18/12/1987), para acolher crianças vitimadas, constituído em 13 de julho de 1990, o ECA estabelece medidas sociais, protetivas e sócio-educativas que devem ser utilizadas para a garantia dos direitos de crianças e adolescentes (Brasil, 1990).

A equipe multidisciplinar monta um plano de ação (PIA) diferenciado para cada família atendida, de forma a atender as demandas específicas e auxiliá-las, o que exige uma intervenção transdisciplinar segura e integrada à realidade sociocultural de seus participantes. No Artigo 92 do ECA (Brasil, 1990), consta que o dirigente do abrigo atua como guardião das crianças, sendo responsável por elas no período em que se encontram institucionalizadas.

Esta equipe realiza funções técnicas relacionadas à área da infância e juventude como reintegração da criança ao meio escolar, ajuda na socialização destes, cuidado da parte burocrática, e elaboração de documentos de entrada e saídas de crianças na instituição. O Psicólogo deve fazer parte de uma equipe, cujo trabalho deva ultrapassar as tarefas operacionais de suprir as necessidades básicas de alimentação e conforto da criança, tentando propiciar um ambiente de apoio afetivo e acolhedor, ajudando na busca por amenizar as marcas da violência trazidas pela sua história de vida (Antoni & Koller, 2001).

As atividades grupais com as crianças e adolescentes têm enfoque socioeducativo, a fim de trabalhar aspectos referentes à integração, cooperação, autoestima e adoção, ou seja, todas as questões que permeiam a vivência institucionalizada. De acordo com a literatura pesquisada, não há um modo de

atuação específico do psicólogo em abrigo. Podem ser realizados tanto atendimentos grupais quanto clínicos ou institucionais (Hoepfner, 2004; Rotondaro, 2002).

As cuidadoras ou monitoras convivem diariamente com as crianças e adolescentes institucionalizadas e desempenham um papel fundamental na adaptação e no cuidado das mesmas. O papel do Psicólogo é de suma importância dentro de um abrigo, podendo atuar em vários aspectos, por exemplo: na avaliação da criança e sua família, apontando as mudanças necessárias para a reinserção da criança no lar, mantendo o vínculo familiar e dando treinamento e suporte psicológico à equipe técnica (Centro de Capacitação e Incentivo à Formação de Profissionais, Voluntários e Organizações que Desenvolvem Trabalho de Apoio à Convivência Familiar [CECIF], 2005).

Considerando o que foi observado na prática e a literatura especializada, optamos por desenvolver um projeto de intervenção que estivesse voltado para a promoção e o fortalecimento de vínculos afetivos entre as crianças e os adolescentes abrigados através da técnica do brincar. A brincadeira, é uma linguagem infantil, que mantém um vínculo essencial que articula a imitação do real e o imaginário.

No ato de brincar, os sinais, os gestos, os objetos e os espaços valem e significam outra coisa além do óbvio. Ao brincar as crianças recriam e repensam os acontecimentos vivenciado por eles, a brincadeira favorece a autoestima das crianças, auxiliando-as na formação de uma personalidade saudável e a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa (Santos, 2007).

Diante dessa realidade, o objetivo do presente trabalho, realizado na forma de relato de experiência, foi apresentar as aprendizagens obtidas durante o Estágio Básico II do 7º período do curso de Psicologia da Faculdade de Patos de Minas, elucidando suas etapas, capacitando e auxiliando o graduando de Psicologia a lidar com a realidade em uma casa de acolhimento institucional de crianças e adolescentes.

2 METODOLOGIA

Este relato faz parte da produção resultante do Projeto de Pesquisa Relatos de Casos & Relatos de Experiência: a prática desenvolvida no CEPPACE do DPGPSI/FPM. Submetido à apreciação ética do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) com Seres Humanos da Faculdade Patos de Minas, CAEE: 92972318.0.0000.8078,

tendo como instituição proponente a Associação Educacional de Patos de Minas – AEPM mantenedora da Faculdade Patos de Minas, sob parecer de aprovação número: 2.758.999, de 06 de julho de 2018, conforme Anexo A.

Primeiramente foram agendadas 6 (seis) visitas, nas quais foram feitas as observações que nortearam o desenvolvimento do projeto a ser executado. Em seguida, fizemos a entrega dos convites para as crianças participarem de uma tarde com atividades variadas. A entrega destes convites foi um momento muito afetuoso, as crianças ficaram imensamente felizes e se mostraram bastante entusiasmadas e curiosas para participarem das atividades propostas. Foi utilizada a técnica do brincar enquanto atividade prazerosa e promotora de sociabilidade, para isso foram elaboradas diferentes brincadeiras e oficinas, tendo em vista como atividades relevantes para o desenvolvimento infantil.

A implementação da intervenção foi previamente agendada, sendo no dia 06 de junho de 2017 das 13h às 15h. O projeto foi desenvolvido como previsto no cronograma e as crianças participaram ativamente das atividades propostas com bastante entusiasmo. Foi uma tarde de muitas brincadeiras e descontração para crianças e estagiários, que não mediram esforços para o evento acontecer de forma a contribuir para o bem-estar dos institucionalizados.

3 RELATO DE EXPERIÊNCIA

3.1 As observações

O nosso primeiro encontro com as crianças e demais funcionários foi agendado previamente, estávamos bastante ansiosos para a chegada do momento de conhecer a instituição e as crianças. Aguardamos a chegada da psicóloga e logo entramos para o tão esperado encontro.

Primeiramente passamos por uma sala de televisão com extensos bancos de alvenaria, ali encontravam-se 2 (dois) meninos de aproximadamente 10 (dez) anos de idade assistindo TV. A psicóloga nos apresentou rapidamente, eles nos cumprimentaram ligeiramente sem interromper o que estavam assistindo. Logo adiante, em uma pequena sala, onde ela nos disse ser a sala de estudos, havia outra criança em uma mesa, provavelmente fazendo suas atividades escolares de casa,

fomos apresentados e ele esboçou apenas um pequeno sorriso, aproveitando a oportunidade para avisar que o computador estava estragado.

A psicóloga abriu uma porta onde era um quarto com 3 (três) berços, havia uma criança dormindo em um deles. Na parte superior estavam os dormitórios das crianças, eram 3 (três) grandes quartos com várias camas. Descemos e passamos pelo refeitório: uma sala ampla com 2 (duas) mesas grandes com cadeiras, em seguida passamos pela cozinha com um fogão industrial e a geladeira estava em uma pequena área de serviço fechada a chave. Foi explicado que muitas crianças têm restrição alimentar e somente assim era possível controlar a alimentação deles.

Do lado de fora, em uma área externa, ampla e com telhado, estavam 2 (duas) cuidadoras sentadas em uma mesa lanchando com 1 (um) bebê de aproximadamente 9 (nove) meses e 2 (dois) meninos de aproximadamente 4 (quatro) anos cada. Fomos apresentados a todos e foi explicado a elas sobre nosso estágio. As crianças menores se mostraram receptivas e interessadas na nossa presença nos mostrando objetos, brinquedos e alguns livros, já as crianças maiores e os adolescentes se mostraram indiferentes. Havia também algumas crianças jogando bola na quadra, outras assistindo TV e neste primeiro encontro tudo era novidade para a equipe de estagiários.

No tempo proposto de 2 (duas) horas encerramos nossa visita agendamos o segundo encontro. Este primeiro encontro nos desencadeou emoções e sentimento de tristeza e impotência diante da situação daquelas crianças carentes, separadas de suas famílias. A fragilidade dos bebês sem a presença materna foi o que mais nos causou uma angústia profunda.

No segundo encontro, as crianças estavam em locais diversos da casa, alguns fazendo atividades escolares, outros na sala de televisão e alguns na quadra coberta jogando bola. Dois pequenos brigavam por causa de brinquedos, os bebês eram gêmeos e estavam em seus carrinhos na área externa com uma cuidadora, que dava comida para os dois ao mesmo tempo. Optamos em ficar ali mesmo sentadas perto da cuidadora e dos bebês, percebemos naquele momento o quanto as cuidadoras se atentavam em dar atenção e carinho para aqueles pequenos com semblante de abandono, sem saber porque estavam separados de suas famílias.

Uma das crianças menores se aproximou rapidamente trazendo alguns brinquedos e em seguida chegou outra atrás chorando e dizendo que os brinquedos eram seus, o primeiro justificou dizendo que os brinquedos pertenciam a todos. Depois

de muito discutir, cada um pegou um brinquedo e foram brincar individualmente, mas logo esqueceram esses brinquedos jogados no chão e começaram novamente a discutir por um velho livro. Em seguida, um deles nos entregou o livro, disse que queria ouvir uma história, como o livro não era de histórias, improvisamos uma no momento, que foi muito apreciada pela criança.

Terminamos o encontro dentro do previsto de 2 (duas) horas, a vontade de ficar mais tempo era imensa, a carência afetiva daqueles pequenos desencadeava sentimentos inenarráveis de querer mudar a vida daqueles deixados ali naquela casa. Saímos motivadas a começar a executar um projeto que pudesse contribuir de alguma maneira com o bem-estar e alegria daqueles olhares tristes. Como citado em Cintra e Souza (2010), é notório repensar os cuidados na instituição, a realidade dos abrigados indica que seria necessário a construção de novas propostas que possam minimizar o abandono e o sofrimento das crianças.

No terceiro encontro, as crianças menores foram nos receber carinhosamente e estavam bem comunicativas, se mostrando bastante entusiasmadas com nossa presença. Já não éramos consideradas mais uma ameaça, a cada dia eles se aproximavam mais. No relacionamento com os estagiários, percebíamos que algumas crianças eram mais receptivas à aproximação, ao carinho e ao diálogo, enquanto outras se mostravam gentis, mas preferiam manter seu espaço. Contudo, as brincadeiras e conversas surgiam sempre de forma espontânea e na maioria das vezes individualmente.

Algumas crianças maiores ainda estavam indiferentes à nossa presença, mesmo com grande esforço de nossa parte, pareciam não se interessar em fazer um laço social. De acordo com Aguiar, Carrero e Rondina (2007), uma das principais dificuldades encontradas nas crianças abrigadas era que elas se apresentavam agressivas ou apáticas, aparentando ter medo de tudo e de todos e alheias ao que acontecia ao seu redor. Algumas crianças chegavam ao abrigo em condições de total abandono, desnutridas, com marcas de agressões pelo corpo, marcas de queimaduras de cigarro, falta de higiene, molestadas sexualmente e vítimas da prostituição.

A rotina da casa era aparentemente a mesma, muito choro de criança e briga por causa de brinquedos. Os bebês não queriam ficar no carrinho, as cuidadoras tinham várias atividades a fazer, e sem opção, deixavam as crianças chorando e iam cuidar de outras atividades. Muitas vezes ajudamos elas a cuidar dos bebês, pois era

muito difícil ouvir aquele choro que comovia a todos nós. O texto Luto e Melancolia de Freud (2012) relata um estado de desamparo biológico seria gerador das primeiras experiências de angústia, o fator biológico estabelece as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado que acompanhará a criança durante o resto de sua vida.

Cada hora que passávamos com aquelas crianças, era um aprendizado para todos, crianças sofridas, tristes e carentes, que foram obrigadas a deixar seus lares e viver em outro totalmente estranho, com pessoas diferentes com as quais nunca tinham convivido anteriormente. Era evidente a importância do psicólogo naquele momento para ajudar a amenizar as consequências para o psiquismo daqueles pequenos defendendo a importância do olhar afetivo.

Estar presente naquela casa desencadeava sentimentos profundos que mudavam a nossa maneira de pensar, de valorizar a família, a educação e a importância dos pais no convívio com os filhos. Ao mesmo tempo, sentíamos também angústia e impotência por não saber o que oferecer naquela situação diante das necessidades das crianças.

No quarto encontro mudamos o turno da visita a fim de conhecer todos os moradores da instituição. As visitas de observação estavam sendo realizadas pela manhã e algumas crianças frequentavam a escola neste horário. A mudança de horário foi cheia de surpresas, conhecemos mais crianças, dentre eles 3 (três) irmãos, uma menina de aproximadamente 9 (nove) anos e 2 (dois) meninos pequenos com idade entre 2 (dois) e 4 (quatro) anos. A irmã mais velha estava sempre atenta aos irmãos menores, que brigavam com outras crianças enquanto ela tentava defender os irmãos, bastante indefesos. Naquele momento mesmo sendo uma criança, ela ocupava o papel de mãe, pai e cuidadora de seus irmãos.

O ambiente da casa de acolhimento era sempre agitado, com pequenas discussões, empurrões e muito choro. Em meio a tantas adversidades o que podíamos oferecer era o nosso carinho, atenção e consolo, o que parecia muito pouco diante de tudo que estávamos vivenciando.

Neste encontro, os bebês gêmeos estavam adoecidos, muito gripados e um choro incontrolável. A carência materna era notória naquele momento, pois a função materna é essencial para a organização psíquica do infante e sua constituição como sujeito. Pode-se dizer que é a partir da organização psicológica desenvolvida do relacionamento com a mãe ou com a sua cuidadora que a criança conquista a

capacidade de se relacionar com o resto do mundo dos objetos humanos (Coppolillo, 1990). Diante disso percebe-se a importância de se estabelecer uma relação de afeto, acolhimento e muito carinho com estas crianças.

As crianças maiores entre 9 (nove) e 14 (quatorze) anos ainda se mostravam indiferentes à nossa presença. Mesmo após convidá-los a estar juntos em alguma conversa ou alguma atividade que pudesse chamar a atenção deles, trocavam algumas palavras e logo nos deixavam sem qualquer interesse em uma aproximação. Diferentes das crianças menores, eles haviam desistido de tentar aproximar e estabelecer vínculos afetivos? Estariam eles 'calejados' sabendo que nós também iríamos embora? Para que se apegar a alguém que vai lhe deixar?

Com base na literatura especializada sobre o assunto é possível supor que o histórico de violência experimentado pelas crianças dificulta a formação de vínculo de confiança com o profissional de psicologia. Como citado em Aguiar et al. (2007), uma das principais dificuldades observadas ao chegarem no abrigo, foi a chegada das crianças em condições de total abandono, desnutridas, com marcas de agressões pelo corpo, marcas de queimaduras de cigarro, falta de higiene, molestadas sexualmente e vítimas da prostituição. Elas se apresentavam agressivas ou apáticas, aparentando ter medo de tudo e de todos e alheias ao que estava acontecendo.

No quinto encontro, fomos informados por uma assistente social que as crianças estavam se recuperando de um quadro viral que havia afetado 90% deles, incluindo até mesmo as cuidadoras e funcionárias, então decidimos levar frutas e sucos para os internos. Este encontro foi marcado como o mais difícil e triste, até as crianças menores que se alegravam com nossa chegada estavam indispostas, algumas com febre e outras com diarreia. Neste dia não estavam disputando brinquedos e muito menos nossa atenção, se mostravam apáticas e muitas vezes irritadas. Chegamos no momento em que uma cuidadora estava tentando alimentar os bebês gêmeos, eles estavam febris, com dificuldade para se alimentar e choravam mais que nos outros dias, além de não conseguir dormir.

Percebemos de forma muito clara a falta da figura materna naquele momento difícil, em que deveriam ser consolados com um carinho de mãe, era um momento difícil, mas devíamos permanecer fortes, pois estávamos lá para colaborar no que fosse preciso. Neste dia encerramos nossa visita de observação cabisbaixas, pois percebemos como era difícil para aquelas crianças doentes não ter uma figura materna naquele momento para cuidar e dar carinho.

O estágio nos trouxe uma reflexão sobre o papel do psicólogo a ser desempenhado nas instituições de acolhimento e nos preparar para conviver com tais situações desafiadoras de forma coerente. Além disso, aprendemos também uma noção da dificuldade para o psicólogo estar exposto e absorver as angústias e ansiedades próprias de uma instituição de acolhimento de crianças retiradas de suas famílias.

4 A INTERVENÇÃO

4.1 O convite

O sexto encontro foi marcado para as 18hrs, pois seria um horário em que todas as crianças estariam na instituição e queríamos encontrar com todas juntas para fazer o convite do nosso projeto 'Fazendo Arte'. O convite tinha a relevância de mostrar que todas são importantes, por isso era individual, personalizado e bem criativo. As crianças ficaram bastante entusiasmadas ao receberem o convite em que havia a seguinte proposta: estourar um balão, que possuía mensagem dentro que dizia que estávamos contando com a presença de cada um deles no sábado para uma tarde cheia de surpresas.

A entrega dos convites foi um momento muito especial que nos desencadeou fortes emoções, eles ficaram imensamente felizes ao propormos uma tarde de descontração com atividades variadas para todos. O interesse era grande em saber quais eram as atividades e quando seria o encontro, então explicamos que seriam atividades variadas para todas as faixas etárias. A alegria das crianças foi contagiante.

Entregamos os convites e despedimos firmando nosso compromisso para o próximo sábado às 15 horas e deixamos as crianças estourando os balões. Os pequenos seguravam nossas pernas para não sairmos e diziam para ficarmos com eles, então saímos com os olhos rasos de lágrimas. Depois de vivenciar as dificuldades vividas por aquelas crianças no seu cotidiano, era gratificante poder ver naquele instante a gratidão, o entusiasmo e o carinho delas para um encontro especial.

Percebemos a real necessidade de atividades com intuito de desenvolvimento social-afetivo nesse contexto do abrigo onde vivem crianças com diferentes dificuldades a serem enfrentadas. Foi impressionante perceber como uma ação tão

simples como um convite afetuoso e interessado despertou nessas crianças sentimentos de entusiasmo e a oportunidade de serem notados por nós. Já nós, os estagiários, sentimo-nos esperançosos com a possibilidade de oferecer uma tarde agradável que desse a essas crianças um momento de distração em que pudessem esquecer suas dificuldades e apenas serem crianças.

4.2 Execução do projeto

Por meio das visitas realizadas na instituição de acolhimento foi observado inicialmente as diferenças de idade das crianças que lá se encontram, tendo elas a variação da primeira infância (de 0 aos 3 anos) ao final da segunda infância (a partir dos 3 anos até a pré-adolescência). Percebemos em muitos momentos a dificuldade de relacionamento entre as crianças, o individualismo e até mesmo o retraimento, por não querer compartilhar e brincar em equipe. Algumas crianças eram mais receptivas à aproximação, ao carinho e ao diálogo, enquanto outras eram gentis, mas preferiam manter seu espaço. Foi partindo daí que surgiu a ideia de um projeto que contribuísse com a interação positiva, orientada e a vivência harmoniosa dessas crianças, enquanto permanecessem institucionalizadas.

A brincadeira orientada tem sido vista como uma atividade relevante para o desenvolvimento infantil, uma vez que está bem presente no cotidiano da criança. Por meio do brincar a criança pode descobrir o mundo, vivenciá-lo, conhecer a si próprio e desenvolver seu potencial criativo. Na medida em que correm, pulam, brincam de casinha, de médico, de faz-de-conta, as crianças vão construindo relações com o ambiente que os cercam, com os objetos que os rodeiam e exploram o mundo.

Por meio da brincadeira eles também conseguem compreender melhor seus parceiros, compartilhar sentimentos positivos e negativos, bem como transmitir regras e valores de sua cultura. Dessa forma, é pertinente estar sempre resgatando o lúdico para compreender o desenvolvimento infantil nos abrigos, haja vista a criança ser intrinsecamente motivada a interagir com seus parceiros de idade, principalmente para brincar (Alves & Sommerhalder, 2006).

4.2.1 As oficinas

Dividimos nossa equipe em três partes, ficando cada uma das partes

responsáveis por uma oficina (duas) e uma pelo lanche, consta em apêndice atividades desenvolvidas e materiais utilizados.

- a) Oficina livre:** Para as crianças da primeira infância (0 a 3 anos) montamos uma estrutura com algumas mesas com materiais como: lápis de cor, giz de cera, massinha de modelar, tinta guache, desenhos impressos para colorir ou pintar, palitos de picolé, pincéis (dentre outros materiais citados no apêndice deste relato). Deixamos esse material à disposição das crianças, orientando-as se necessário e cuidando para que as crianças pequenas não se machucassem com materiais indevidos, objetivando a interação livre entre elas.
- b) Oficina de colagem:** Para as crianças pré-adolescentes, colocamos sobre a mesa e sobre o tatame (chão coberto) materiais diversos como: papel kraft, cola branca, revistas variadas, pincel, tesoura sem ponta, lã e pincel atômico. Pedimos que as crianças montassem de maneira 'criativamente livre' no espaço do papel Kraft tudo o que desejassem ou sonhassem para seu futuro e que finalizassem escrevendo uma palavra ou frase no cartaz. Dessa maneira, possibilitamos estimular a criatividade e a sensibilidade pelas formas de expressar a arte e criando um ambiente de descontração e aproximação entre os adolescentes e os estagiários. Foi um momento de reflexão com os jovens sobre seus anseios, desejos e em relação a qual profissão escolher.
- c) Encerramento:** Após a execução das oficinas, formamos um círculo e mostramos como ficou o trabalho realizado pelas crianças, destacando o esforço de cada um e seus atributos. Deixamos o espaço em aberto para perguntas (caso houvesse) e após organizarmos os materiais com o auxílio das crianças, agradecemos a todos e convidamos para o lanche de confraternização e encerramento. Foi uma tarde de muita descontração onde as crianças mostraram suas habilidades, criatividade e ainda interagiram descontraidamente com as estagiários e os internos da instituição.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de experiência que aqui descrevemos contribui para graduandos de psicologia e demais interessados em elaborar, compreender e executar um projeto de Estágio Básico II em Psicologia. Possibilita vivenciar e lidar com as diferentes trajetórias possíveis da rotina de uma casa de acolhimento institucional na qual o

psicólogo desempenha diferentes funções como técnico-administrativo, psicólogo clínico e, em alguns momentos, exerce a função de cuidador.

Para atuar no âmbito do acolhimento institucional concluímos que o profissional deve encontrar meios para digerir emocionalmente as adversidades encontradas de forma a poder estar junto com as crianças, família e cuidadores pensando alternativas de cuidados que possam amenizar a dor da separação dessas famílias (dentre outros sofrimentos).

As atividades de brincadeiras livres e oficinas desempenhadas na execução do projeto com as crianças e adolescentes foram um produto de um olhar clínico apurado que percebeu algumas das necessidades afetivas ali apresentadas. Se faz necessário ressaltar a importância desse tipo de atividade no cotidiano dessas instituições, foi uma experiência única e tivemos oportunidade de notar o quanto as crianças estavam felizes e descontraídas. Oferecemos acima de tudo oportunidade de brincar em equipe, estreitar laços de amizade e companheirismo, foi um momento em que as crianças foram apenas crianças.

Muito há o que se pensar sobre a atuação do profissional de Psicologia nessas instituições, principalmente no que se refere a posição que o mesmo ocupa. Acreditamos que o psicólogo deve-se manter no lugar de quem cuida do psiquismo e, portanto, responsável pela saúde mental das crianças recebidas. Assim, pensamos que seu posicionamento técnico e teórico deve ser pautado em estratégias e ações voltadas ao cuidado emocional dos acolhidos.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, O. X., Carrero, M. L., & Rondina, R. C. (2007). Casa abrigo: possibilidade de atuação para o psicólogo. *Revista científica eletrônica de psicologia*, 9(5), 1-7.
- Alves, F. D. & Sommerhalder, A. (2006). *O Brincar: linguagem da infância, linguagem do infantil*. *Motriz*, 12(2), 125-132.
- Antoni, C., & Koller, S. H. (2001). O psicólogo ecológico no contexto institucional: uma experiência com meninas vítimas de violência. *Psicol. Ciênc. e Profissão*, 21(1), 14-29.
- Brasil. (1990). *Estatuto da Criança e do Adolescente* (Lei nº 8069, de 13 de agosto de 1990). Brasília, DF: Presidência da Presidência.

- Brasil. (2004). *Resolução nº 08 de 07 de maio de 2004 - Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia*. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior. Brasília, DF: DOU.
- Brasil. (2009). *Lei 12.010 de 03 de agosto de 2009: dispõe sobre a adoção; altera as Leis nº 8069, de 13 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente, 8560, de 29 de dezembro de 1992; revoga dispositivos da Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002 – Código Civil, e da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto –Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943; e dá outras providências*. Brasília, DF: DOU.
- Centro de Capacitação e Incentivo à Formação de Profissionais, Voluntários e Organizações que Desenvolvem Trabalho de Apoio à Convivência Familiar (Org.). (2005) *101 perguntas e respostas sobre reintegração familiar: o trabalho a partir dos sistemas de acolhimento institucional e familiar*. São Paulo: Autor, 2005.
- Cintra, A. L., & Souza, M. (2010). Institucionalização de crianças: leituras sobre a produção da exclusão infantil, da instituição de acolhimento e da prática de atendimento. *Revista mal - estar e subjetividade*, 10(3), 809-833.
- Coppolillo, H. (1990). *Psicoterapia psicodinâmica de crianças*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Freud, S. (2012). *Luto e melancolia* (M. Carone, Trad.) (1a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Hoepfner, A. M. (2004). A arte da Gestalt terapia no trabalho em psicologia social e comunitaria. *Revista de Gestalt Instituto Sedes Sapientiae*, 13(1), 17-25.
- Rotondaro, D. P. (2002). Os desafios constantes de uma psicóloga no abrigo. *Ciência e Profissão*, 22(3), 8-13.
- Santos, G. G. (2007). A importância do brincar na formação do sujeito. *Revista científica multidisciplinar núcleo do conhecimento*, 1(5), 41-56.

**ANEXO A – Declaração de Aprovação pelo CEP de Projeto desenvolvido no
CEPPACE do DPGPSI/FPM**



**FACULDADE PATOS DE MINAS
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

Mantenedora
Associação Educacional de Patos de Minas
CNPJ: 08.998.909/0001-59
Avenida Juscelino Kubitschek de Oliveira
Bairro Cidade Nova, 1900, Bloco SA - Patos de Minas - MG
CEP: 35704-002 - Tel.: (34)3518-2350
www.faculdadepatosdeminas.edu.br
coordenacao.dpgpsi@faculdadepatosdeminas.edu.br

Gabinete do Coordenador de Graduação
Documento de Ordem, s/n, DPGPSI.FPM

Patos de Minas, 16 de agosto de 2018.

Aos Cuidados

Pesquisador Responsável – Karla Priscilla Lemgruber

Pesquisador Participante – Adarlene Gonçalves Fonseca Alves

C/C.: Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade Patos de Minas

Assunto: DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO PARTICIPANTE E OUTROS ASSUNTOS SE FAZEM.

O Coordenador do Departamento de Graduação em Psicologia da Faculdade Patos de Minas, DECLARA para os devidos fins, que os pesquisadores acima supracitados, autores do estudo, **“ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: um relato de experiência de estágio em psicologia”**, faz parte da produção resultante do Projeto de Pesquisa RELATOS DE CASOS & RELATOS DE EXPERIÊNCIA: a prática desenvolvida no CEPPACE do DPGPSI/FPM. Submetido a apreciação ética do Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos da Faculdade Patos de Minas, CAEE: 92972318.0.0000.8078, tendo como instituição proponente a ASSOCIACAO EDUCACIONAL DE PATOS DE MINAS – AEPM mantenedora da FACULDADE PATOS DE MINAS, sob parecer de aprovação número: 2.758.999, de 06 de julho de 2018.

Colocando-o ao seu dispor para qualquer informação suplementar, firmando muito atenciosamente,


Professor Mestre Gilmar Antoniazzi Júnior
 Coordenador de Graduação
 Departamento de Graduação em Psicologia
 Faculdade Patos de Minas

Curso Reconhecido pela Portaria DREG/MEC N.º 571 de 20/06/2011, renovado Reconhecimento de Curso pela Portaria DREG/ME N.º 267 de 09/04/2017, publicado DOU em 04/04/2017, n.º 65, seção 1, pág. 70-81.

COPIA NÃO CONTROLADA
DPGPSIacM2aN2018.

APÊNDICE A – Atividades desenvolvidas

Quadro 1 – Atividade Introdutória: Fazendo Arte

Passo 1	Reunir as crianças dançando e cantando
Passo 2	Separar as crianças por idade, reforçando o convite
Passo 3	Levar os dois grupos separadamente para quadra, onde os estagiários estarão aguardando as crianças
Passo 4	Explicar às crianças como será executada cada oficina
Passo 5	Entregar o material para cada criança de acordo com sua escolha
Passo 6	Confecção de dois cartazes com os trabalhos realizados e uma exposição de obras com massinhas de modelagem
Passo 7	Realização de pintura corporal
Passo 8	Momento de reflexão a respeito do que as crianças acharam das oficinas e perguntas sobre suas expectativas em relação ao futuro (qual profissão deseja seguir?)
Passo 9	Confraternização com o lanche
Passo 10	Encerramento e agradecimento a todos da instituição com a entrega de um doce em nome da equipe

Fonte: O autor

Quadro 2- Atividade livre

Recurso Material	<ul style="list-style-type: none"> • Massinha de modelar; • Folha sulfite impressa com desenhos variados; • Lápis de cor; • Tinta guache; • Pincel; • Papel Kraft; • Cola Branca; • Palitos de Picolé; • Copinho de Café; • Livros variados.
------------------	--

Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver habilidades motoras; • Ampliar a capacidade de expressão de diferentes formas; • Promover boa interação entre os estagiários e as crianças; • Interagir de maneira lúdica e divertida com as crianças e os demais.
----------	---

Fonte: O autor

Quadro 3 – Mural

Recurso Material	<ul style="list-style-type: none"> • Papel Kraft; • Cola Branca; • Tesoura sem ponta; • Revistas Variadas; • Trapos de Pano; • Pincel; • Fita Crepe; • Lã; • Pincel Anatômico.
Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> • Estimular a criatividade e a sensibilidade pelas formas de expressar a arte; • Criar um ambiente de descontração e aproximação entre pré-adolescentes e os estagiários; • Promover um espaço de sonhar a vida.

Fonte: O autor

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA**Autor Orientando:**

Nome completo: Adarlene Gonçalves Fonseca Alves

Endereço: Rua Almir da Silva Matos nº 47 Apto 301

Telefone de contato: (34) 996374850

Email: adarlene2009@yahoo.com.br

Autor Orientador:

Nome completo: Karla Priscilla Lemgruber

Endereço: Av. Juscelino Kubitschek de Oliveira nº 1200

Telefone de contato: 38142803

Email: karlalemgruber@hotmail.com

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

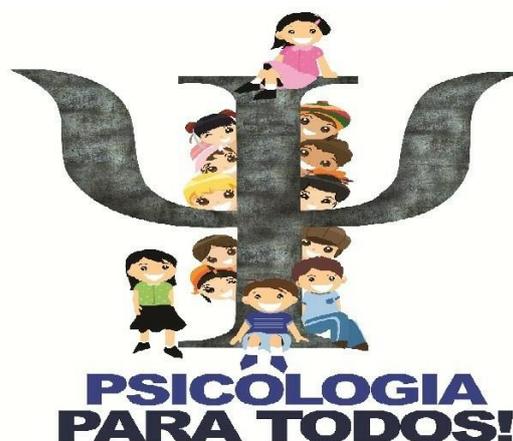
Patos de Minas, 29 de novembro de 2018

Adarlene Gonçalves Fonseca Alves

Karla Priscilla Lemgruber



FACULDADE PATOS DE MINAS



FACULDADE PATOS DE MINAS

Mantenedora – Associação Educacional de Patos de Minas

Portaria de Recredenciamento MEC – DOU Nº. 1469 de 10 de Outubro de 2011.

Departamento de Graduação em Psicologia

Curso de Bacharelado em Psicologia

(Formação de Psicólogo)

Curso Reconhecido pela Portaria DIREG/MEC Nº. 371 de 30/08/2011, renovado Reconhecimento de Curso pela Portaria DIREG/ME Nº. 267 de 03/04/2017, publicado DOU em 04/04/2017, nº. 65, sessão 1, pág. 70-81

“Como Psicólogo, eu me comprometo a colocar minha profissão a serviço da sociedade brasileira, pautando meu trabalho nos princípios da qualidade técnica e do rigor ético. Por meio do meu exercício profissional, contribuirei para o desenvolvimento da Psicologia como ciência e profissão na direção das demandas da sociedade, promovendo saúde e qualidade de vida de cada sujeito e de todos os cidadãos e instituições.”

(Juramento do Psicólogo – Conselho Federal de Psicologia)